

VIII Jornadas de Jóvenes Investigadores
Instituto de Investigaciones Gino Germani
Universidad de Buenos Aires
4, 5 y 6 de Noviembre de 2015

Marina de Mattos Dantas

Pontificia Universidade Católica – São Paulo (Brasil)

Doctoranda en Ciencias Sociales

marinamattos@gmail.com

Eje 7. Cuerpo, política y subjetividad

Jogadores em campo na Argentina: futebol profissional e produção de subjetividade

Palabras clave: Futebol, profissão, jogadores, subjetividade

Começos, meios e fins...

A temática discutida na presente comunicação é parte integrante de pesquisa de doutorado em andamento a qual tem como objetivo cartografar práticas do futebol no Brasil e na Argentina e alguns efeitos destas na vida do jogador profissional.

Em relação ao futebol, ambos os países possuem em comum a aclamação desse esporte como elemento constituinte de uma cultura popular e que produzem atletas profissionais para exportação, principalmente visando o mercado europeu de jogadores. Nesse contexto, ser jogador de futebol e ascender socialmente através dessa profissão é um sonho em comum entre meninos argentinos e brasileiros.

Porém, entre ser um menino que sonha em ser jogador e chegar a ser um jogador “celebridade”¹, que serve de modelo para todos, há um longo caminho, não-linear e que, na maioria das vezes não levará o atleta aos centros de excelência da modalidade – ou seja, aos clubes de primeira divisão do campeonato espanhol, inglês, italiano e alemão.

¹ Entende-se por jogador celebridade aquele que, para além do salário de jogador, consegue obter uma renda mensal em altos valores através de contratos de publicidade devido à exposição de sua imagem.

Não é preciso apoio estatístico para afirmar que muitos meninos que se inserem no futebol profissional não terão uma vida igual a de Messi, Neymar e outros que conseguem viver somente do que ganham com o futebol, seja dentro ou fora de campo. Ainda assim, são muitos os jovens que se empreendem na profissão.

A partir da imersão durante um período de nove meses em meio ao futebol argentino², se produziu cartografias sobre seu funcionamento e o modo como se produz *governamentalidade* – ou seja, como se conduz a conduta dos outros (Foucault, 2008) – no meio futebolístico.

Para além de uma metodologia e na recusa deste termo em seu sentido utilitarista³, a cartografia pensada por Deleuze e Guattari (1995) se constitui como um estudo de fluxos onde não se pretende categorizar ou homogeneizar práticas ou formas de ser, e sim atentar para as tensões presentes no campo indicado e sua diversidade que produzem formas de governar a si e os outros. Acompanhando, assim, um processo e não representando um objeto. Nesse sentido, o pesquisador não se depara com um objeto sobre o qual coletará os dados, mas com um campo de forças ao qual estará atento.

Cartografar é conduzir-se de maneira rizomática pelos caminhos da pesquisa, não buscando uma linearidade, um início que leva a um fim, “mas sempre um meio pelo qual ele (o rizoma) começa e transborda”, (Deleuze; Guattari, 1995: 32) em busca das subjetividades em produção e de seus efeitos de poder. Enfatiza-se, como nos alerta Félix Guattari, que a subjetividade não corresponde a uma instância individual existente em cada indivíduo: “A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (Guattari; Rolnik, 2007: 36).

Dessa maneira, durante o período de estada em Buenos Aires, conheceu-se a estrutura do futebol argentino, alguns acadêmicos que trabalham com a temática do futebol no país na perspectiva das ciências sociais e, principalmente, jogadores e ex-jogadores com passagem por clubes da Capital Federal.

No total, foram realizadas entrevistas com jogadores e ex-jogadores, abordando-se alguns aspectos como: a rotina de trabalho, ser jogador e ser torcedor, as expectativas e direcionamentos que se dão frente à aposentadoria e outras particularidades da profissão. Cabe ressaltar que a pesquisa de campo não se restringiu às entrevistas, sendo utilizado

² A oportunidade de pesquisa na Argentina, mais especificamente em Buenos Aires, foi possibilitada pelo Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior, da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Bolsista da CAPES – Processo nº 99999.006471/2014-05.

³ Como fórmula universal de extrair conhecimento a partir de um determinado objeto de estudo.

também um caderno de campo para anotações de elementos que escaparam ao contexto das entrevistas formais, constituindo também parte importante do material da pesquisa.

Buscou-se através dessas entrevistas e conversas informais, elementos para se analisar: como empreendem-se no mercado de jogadores; os efeitos disciplinares e regulamentadores na produção de modos de vida dos jogadores de futebol profissionais; as capturas das potencialidades e resistências que os mantêm na profissão e os efeitos sociais que são produzidos a partir dessa realidade.

As próximas páginas, longe de exprimirem todos os questionamentos suscitados com a pesquisa que se pretende tese, explicitam alguns pensamentos sobre a temática que atravessam a produção do futebol profissional e a vida de jogadores.

O futebol, o jogador e racionalidade neoliberal

O futebol é um acontecimento social difuso, em que coexistem diversas formas de praticar e torcer. Dentre as diversas faces que pode assumir, o futebol masculino profissional é a versão incontestada do esporte contemporâneo que tem como característica principal o seu desenvolvimento enquanto atividade econômica.

É a matriz espetacularizada do futebol que compreende a modalidade organizada em nível mundial pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), associação privada que promove os campeonatos, dita as normas de relação entre os clubes e gerencia o mercado de jogadores (Damo, 2007). A FIFA tem como organização argentina correspondente a AFA (*Asociación del Fútbol Argentino*), responsável por organizar a prática profissional desse esporte no país. A essa teia de instituições, entrelaçam-se empresas – do ramo esportivo ou não –, que subsidiam clubes, campeonatos e jogadores. Em linhas gerais, é a isso que se costuma chamar de futebol profissional na atualidade.

O espetáculo futebolístico promovido por essas entidades com o auxílio das empresas investidoras e das mídias especializadas, é o principal produto do futebol profissional, que compõe e é composto por uma série de outros elementos. Nessa relação, o jogador de futebol habita diversos territórios existenciais (Guattari, 1992) nos quais, para além de outros papéis, é força de trabalho especializada, na medida em que é produtor direto do espetáculo futebolístico; peça modelada para funcionar de uma forma específica dentro de campo; e também produto e mercadoria, na medida em que é modulado para ser comercializado entre os clubes.

Esses componentes estão imbricados na formação e produção do atleta nos centros de treinamento de categorias de base⁴, local privilegiado do aprendizado das técnicas, táticas e condutas do jovem futebolista profissional em que o processo de produção desses atletas também produz subjetividades, transformando, gradualmente, o menino jogador em atleta profissional.

Como efeito de sua formação, que, simultaneamente o converte na produção de uma mercadoria para o mercado de jogadores (Damo, 2007), o jogador contemporâneo é também empreendedor de si – mais do que produto, é empresário de si mesmo – correspondendo a certo efeito de poder produzido no encontro do futebol com a racionalidade neoliberal.

O *homo oeconomicus* é um empresário de si mesmo. [...] praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo oeconomicus* parceiro da troca por um *homo oeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio se capital, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda (Foucault, 2008: 311).

No caso específico do jogador de futebol, o *homo oeconomicus* neoliberal descrito por Foucault (2008), encontra no jogador-celebridade a referência do ápice de seu sucesso na prática de empreender-se. Os demais jogadores ocupam, por vezes, o lugar de um suposto fracasso e simultaneamente de um possível sucesso relativo e delimitado de seu empreendimento, mas que igualmente movimenta esse mercado.

Portanto, parece ter ocorrido um processo de racionalização da produção do espetáculo futebolístico que teve como efeito a transformação de práticas que atualmente nos permite enxergar esses efeitos de verdade ou de poder no atleta.

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas

⁴ Ou *divisiones inferiores*, como são denominadas na Argentina.

produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam (FOUCAULT, 2006: 229).

Independentemente da posição que ocupam no mercado futebolístico, esses atletas, celebridades ou não, estão envolvidos em uma mesma razão de governo. A noção de governo, nesse sentido, é compreendida em sintonia com a desenvolvida por Foucault (2009: 20), denominada por ele de *governamentalidade*, que não se refere somente a:

[...] uma instância suprema de decisões executivas e administrativas em um sistema estatal, mas no sentido largo e antigo de mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens, a dirigir a conduta dos homens, a conduzir a conduta dos homens.

Para entender a produção de *governamentalidade* no futebol profissional, é preciso estar atento às tecnologias de poder forjadas e utilizadas nesse ambiente, como regras, normas e ações, através das quais a racionalidade neoliberal se exerce, que situam o futebol como atividade econômica.

No capitalismo neoliberal, não é somente a força de trabalho que está em jogo. A acumulação de valor no próprio corpo como um produto e também as estratégias de venda desse produto que, neste caso, é o jogador, se destacam no mercado.

Nesse sentido, nos aproximamos do que Damo (2007: 112) descreve como *capital futebolístico*:

O conceito de capital futebolístico, como modalidade específica de capital exigida dos atletas profissionais, foi concebida a partir da influência bourdiana, como uma constelação de atributos que permitem a alguém inserir-se legitimamente num dado campo social [...] os capitais futebolísticos são os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação, o que inclui desde o conhecimento do talento – por agentes autorizados pelos clubes e não por um observador qualquer – até os vínculos com agentes/empresários, passando pela percepção dos limites e possibilidades de movimentação no campo profissional [...]. Em sentido restrito, referindo-se aos atributos propriamente corporais de

um indivíduo, os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola – malabarismos, floreios, etc”.

O conceito elaborado pelo autor expressa o acúmulo de capital humano desejado para um futebolista ser reconhecido como profissional. Além disso, expressa a conversão do indivíduo em valor de mercado, tal como indica Foucault (2008) nas sociedades onde a racionalidade neoliberal se exerce. É o valor econômico embutido no corpo.

Ser e não ser...

Pensado nesse sentido, durante o processo de formação, o atleta adquirirá novos capitais futebolísticos e aprimorará os que possui. Desde as categorias de base, a rotina de um atleta passa pela manutenção do corpo apto ao alto desempenho esportivo.

Quanto maior a estrutura do clube, maior costuma ser a quantidade de envolvidos no treinamento do atleta para que este se mantenha no nível de competitividade exigido. A competição não se dá somente entre os clubes em um campeonato, mas também entre os atletas de um mesmo clube que constantemente estão concorrendo a uma mesma posição em campo que o mantém “visível” no mercado e ativo profissionalmente.

Uma questão levantada por alguns dos jogadores entrevistados é o não entendimento por pessoas que não são próximas dos esportes de alto rendimento de que viver de jogar bola não é sinônimo de uma vida de prazeres. Um deles assim disse:

Hay que sacrificar muchas cosas, porque cuando todos despejan vos trabajas, el sábado, el domingo. Es su trabajo, trabajas toda la semana para eso. Tiene que cuidarse de su alimentación, en las salidas [...] no pierde por ahí el día con los amigos, con la familia.

O disciplinamento do corpo atleta não se restringe aos treinamentos no clube, mas também numa série de cuidados extra campo e extra clube que concorrem na manutenção do corpo apto a competir. São instruídos por diversos especialistas – preparadores físicos, fisiologistas, médicos, nutricionistas e psicólogos, dentre outros – a seguirem a dietas

específicas, condutas desejáveis. Cabe ressaltar que nem sempre seguem essas instruções à risca, mas estão constantemente sob a ameaça de que não seguir às normas pode torná-los produtos obsoletos.

Como já foi dito, muitos dos jogadores que se profissionalizam não terão a renda mensal de jogadores como Messi e Neymar. Muitos trabalham simultaneamente outras atividades para complementar a renda – são também garçons, preparadores de goleiros, pequenos empreendedores em outros ramos.

Os atletas que se profissionalizam, mas não têm acesso aos grandes clubes, convivem mais próximos à fronteira entre ser e não ser profissional. São anônimos em relação àqueles que se projetam nas grandes vitrines, mas colaboradores para a competitividade mercado, embora recebendo bem menos do que o esperado por seus conhecimentos especializados e sua curta carreira.

Por abarcar um grupo heterogêneo de jogadores que vai desde o jovem recém-saído das categorias de base até os mais experientes, já em vias de se aposentar e que podem em algum momento ter saído desse circuito do anonimato, pensa-se o jogador anônimo como um território existencial, um momento na vida do atleta que, não raras vezes, pode se estender por toda a vida.

Sem a mesma expressão midiática que faz dos clubes tradicionais grandes vitrines que favorecem a utilização da imagem do jogador como um de seus capitais mais rentáveis⁵, alguns clubes investem na fabricação de atletas para os de maior visibilidade, esperando em uma transação futura, lucrar com a transferência do jogador ou senão incorporar a preços reduzidos jogadores com certa experiência para fomentar tecnicamente o equilíbrio da equipe. Os que se localizam entre o anonimato e o currículo profissional secundário, também é a de fortificar e prepararam a subjetividade ascensional ou estagnada dos mais novos e promissores atletas.

Esses jogadores circulam mais no mercado. Assinam contratos de menor duração e contam com menos garantias de que esses contratos sejam cumpridos. Por diversas vezes atravessam longos períodos sem encontrar um clube que os empregue, dedicando-se a outras atividades.

⁵ O direito de imagem é o valor correspondente à exploração comercial da figura pessoal do atleta em publicidades. Este se difere do direito de arena que é a quantia paga aos protagonistas do espetáculo futebolístico pelas transmissões das partidas. Juntamente ao salário, a soma dessas quantias compõe a renda mensal do jogador. No caso dos jogadores anônimos, a exploração da imagem é inexistente e o direito de arena, quando há, é bem menor que o pago aos jogadores de grandes clubes que tem seus jogos transmitidos por grandes emissoras de televisão.

Nessa confrontação das expectativas do menino jogador com o mercado do futebol profissional, muito do aspecto lúdico, fortemente presentes na prática do futebol nas ruas e nas escolas, se perde em meio às responsabilidades e desafios da profissão. *“La pasión del hincha no tiene nada que ver con la pasión de futbolista. Es una cosa totalmente distinta”*, disse um dos entrevistados, e assim continua a dizer:

“A mí me gustaría siempre jugar por el club que fue hincha, pero eso no pasa porque la vida te lleva a recorrer a otras opciones, otros clubes, otros caminos... y uno también te vas a ser hincha de todos los clubes que estuvo. De eso va depender de cómo va uno, de cómo es tratado y todo...”.

A dimensão do torcer também sofre mudanças. Todos os jogadores entrevistados disseram que tornar-se profissional alterou a forma como enxergam o futebol da perspectiva de torcedores, como no depoimento a seguir:

“Pero te pasa de hincha te pasa a más un plano. Analiza mas al fútbol... pelo menos en mi caso. Trato de ver el futbol como un deporte y no como un fanático de una hinchada. Eso creo que me cambió. Antes era muy hincha de Boca. Hoy sí, soy hincha de Boca, pero no con la misma visión que antes, no miro al futbol de la misma forma que miraba antes. Analizo otras cosas ahora”.

Ainda que a especialização técnica e tática do esporte redimensione a relação do jogador com o torcer, esta ainda permanece como parte da vida do jogador.

Deixar de ser...

Depois que se retiram dos campos, muitos se deparam com trabalhos que lhes são menos gratificantes. Muitos meninos, depois de grandes, quase chegam a ser jogadores. Outros muitos transitarão entre esse *quase* e o *ser*. Alguns – poucos – serão, durante algum tempo, jogadores. Alguns reconhecidos nas ruas, outros anônimos inclusive nos campos, sem o nome na camisa que os identifique para o público.

Uns irão para o futebol universitário, principalmente para as ligas dos Estados Unidos e Canadá. Outros para a várzea, onde podem ganhar uma graninha enquanto tentam inserir-se

novamente no mercado de jogadores. Milhares de ex-quase-jogadores terão que pensar em trabalhar em outras atividades.

Muitos jogadores aposentados, ou mesmo aqueles que desistem da carreira antes dos vinte anos, procuram se recolocar no mercado como técnicos, preparadores físicos, empresários, nutricionistas, psicólogos ou outras especialidades relacionadas ao esporte como jornalistas e comentaristas esportivos. Outros tentam mudar de modalidade, recorrendo ao futsal, onde o mercado é mais restrito, porém, o número de concorrentes é menor. Ainda em meio aos exemplos dos que tomam outros rumos, aqueles que não querem competir ou não encontram espaço no grande mercado do futebol de campo, podem recorrer ao mercado do futebol amador.

Mais cedo ou mais tarde todos esses voltarão a não ser. A maioria, novo demais ou rico de menos para aposentar-se, viverão de trabalhos temporários ou se dedicarão a outras profissões. Mas carregarão, geralmente, até o apito final de suas vidas, o “ex-jogador”, seja como substantivo ou adjetivo.

Uns são “ex” antes mesmo de chegarem a ser oficialmente profissionais. Outros, sendo e não sendo entre um e outro contrato. Outros ainda se recusam a não serem mais: lhes dizem “você não é” e seguem dizendo “sou sim! ”. E insistem. Insistem, insistem, insistem..

Não é preciso procurar muito para se encontrar um ex-jogadores pelas ruas. Geralmente estão exercendo outras atividades ligadas ao futebol. São técnicos, preparadores físicos, preparadores de goleiros – psicólogos e nutricionistas, às vezes –, comentaristas, agentes de outros jogadores, professores em escolas ou universidades, advogados, contadores.

Todos têm seus planos para o agora, seja aos 20 ou aos 85 anos. Eles querem falar, diferentemente dos instruídos e amedrontados jovens que são aconselhados a somente se preocuparem em jogar bola.

Após um tempo longe da atividade dentro de campo, muitos acostumam-se a serem chamados de ex-jogadores. Muitos assim se auto intitulam. Poucos confrontam o que são e se provocam a serem outros e se reinventam...

Considerações Finais

Sonhos e expectativas são comuns em pessoas que planejam seguir uma profissão. Não é preciso estatística para afirmar que ser jogador de futebol está entre as profissões mais desejadas, principalmente entre os meninos, que crescem assistindo na televisão a vida de outros meninos que conseguem viver da profissão, como apontado anteriormente.

Dessa maneira, muitos jovens se aventuram nos testes – chamados comumente de “peneiras”, nome que por si só já sugere que a maioria dos meninos que se submetem a essa experiência não será integrado ao clube.

São encaminhados, primeiramente, pela família ou um agente que intermedia essa relação do atleta com o clube. A família é comumente o primeiro investidor do atleta profissional. Antes de entrar em um clube profissional, tendo esta categoria principal ou não, esses garotos se sentem especiais, donos de um dom único que pode ser desenvolvido. Os testes são muitas vezes o primeiro contato desses meninos com a realidade do futebol profissional, onde vários garotos “bons de bola” as vezes se sentem o último dos jogadores por não conseguir ser 1 ou 2 entre 500 meninos que conseguem a vaga daquele teste. Uns continuarão durante muito tempo insistindo em inserir-se em algum clube. Muitos outros, principalmente os que se dedicam aos estudos, às vezes cedo escolhem (ou suas famílias escolhem por eles) não insistir mais.

As verdades produzidas no encontro do futebol com a racionalidade neoliberal reverberam e muitas vezes capturam outros futebolis existentes, fazendo-os funcionar à sua maneira, de modo que não se trata de uma mera representação da sociedade, mas de parte integrante desta.

Empecilhos que atravessam a habilidade com a bola ainda nas peneiras são muito citadas em conversas com futebolistas e ex-futebolistas. Esses vão desde taxas e propinas exigidas para os testados até aliciamento direto oferecendo promessas em troca de favores sexuais.

Nesse processo, os jovens se deparam com uma realidade na qual o brincar e o torcer vão sendo substituídos por uma rotina de repetição de técnicas e táticas e as experiências de um futebol mais livre acabam sendo reduzidas.

Para os que superam as adversidades, a rotina de trabalho ainda na base, por mais que seja considerado como aprendiz é muito semelhante ao do futebol profissional, o que, em diversos casos, torna difícil conciliar o futebol profissional com os estudos da educação formal. Do seletor grupo que consegue inserir-se em algum clube, muitos desistirão da carreira no meio do caminho e a preparação desses para outras escolhas profissionais na vida acaba sendo deficiente.

Para os que persistem na profissão, quanto mais valor o jogador (e seus investidores) agregam à sua imagem, mais impulsiona os valores recebidos pelo atleta na prática da sua profissão. Por conta disso, muitos são os interessados em administrar a carreira de um jogador de futebol o que, por diversas vezes, coloca o atleta a parte de suas finanças.

Os jogadores famosos conseguem obter, em alguns poucos casos (se comparado ao total de jogadores que não disfrutam da mesma situação), uma renda mensal de valores impensáveis para outras profissões. Quanto mais *visível* for o jogador no mercado, maiores as chances de se conseguir um contrato de altos valores monetários.

Por conta disso, é comum que se pense que a profissão de jogador seja dominada por momentos de prazer extremo, seja dentro ou fora de campo. Muitas vezes não se leva em conta que muito do aspecto lúdico da prática se perde à medida que o jogar se torna uma responsabilidade. E que os momentos de prazer são seguidos por rotinas alimentares, de treinamento e de convivência social muito estritas.

Longe de pretender esgotar a temática, este artigo é apenas o início de uma longa conversa entre as práticas do futebol profissional e os modos de ser jogador na atualidade.

Bibliografia

Damo, A. S. (2007). *Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. Porto Alegre: Hucitec.

Deleuze, G.; Guattari, F. (1995) Introdução: Rizoma. En: _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed.34, v.1.

Foucault, M. (2006). Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: Estratégia, Poder-saber* (pp.223-240). v4. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. (2008). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2009) *Do governo dos vivos: curso do Collège de France, 1979-1980 (aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980)*. Centro de Cultura Social: São Paulo, 2009. (e-book). Disponível em: <<http://www.ccssp.org/arquivos/textos/Do%20governo%20dos%20vivos.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2014.

Guattari, F. (1992). *Caosmose*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Guattari, F.; Rolnik, S. (2007) *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes.